

Linguística

Questões comentadas, com gabarito e comentário ao final de cada questão

ITEM 1

Teoria do signo linguístico

Teoria do signo linguístico. Linguagem, língua e fala. Significante e significado; significação. Arbitrariedade e motivação; linearidade. Referente, referência, representação, sentido. Denotação e conotação.

48 questões do Cebraspe e 12 itens inéditos. A numeração das questões segue a do caderno completo.

1 Teoria do signo linguístico

1 Teoria do signo linguístico. Linguagem, língua e fala. Significante e significado; significação. Arbitrariedade e motivação; linearidade. Referente, referência, representação, sentido. Denotação e conotação.

Edital nº 1/2026, Linguística, item 1

48 questões, de 2008 a 2026; 18 de provas aplicadas de 2024 em diante.

Texto para a questão 1

Leia o Texto.

Texto 12A1-I

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, em que possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

Alguns fazem-no de maneira simples e direta, sem caprichar demais no estilo, mas enfeitando-o aqui e ali. Outros, de modo lento e elaborado, que o leitor deixa para mais tarde como um convite ao sono: a estes se lê como quem mastiga com prazer grandes bolas de chicletes. Outros, ainda, “tacam peito” na máquina e cumprem o dever cotidiano da crônica, numa atitude ou-vai-ou-racha. Há os eufóricos, cuja prosa procura sempre infundir vida e alegria em seus leitores, e há os tristes, que escrevem com o fito exclusivo de desanimar o gentio não só quanto à vida, como quanto à condição humana e às razões de viver. Há também os modestos, que ocultam cuidadosamente a própria personalidade atrás do que dizem e, em contrapartida, os vaidosos, que castigam no pronome na primeira pessoa e colocam-se geralmente como a personagem principal de todas as situações. Como se diz que é preciso um pouco de tudo para fazer um mundo, todos estes “marginais da imprensa”, por assim dizer, têm o seu papel a cumprir. Uns afagam vaidades, outros as espicaçam; estes são lidos por puro deleite, aqueles por puro vício. Mas uma coisa é certa: o público não dispensa a crônica.

Vinícius de Moraes. **O exercício da crônica.** Para viver um grande amor. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (com adaptações).

1. (Cebbraspe/2026/SEED SE/PEB, Ensino Fundamental e Médio, Língua Portuguesa)

No texto 12A1-I, o termo “coisa”, na expressão “a coisa fia mais fino” (terceiro período do primeiro parágrafo), remete, conotativamente,

- a) à dificuldade de se escrever prosa.
- b) ao prosador cotidiano.
- c) às personagens criadas por um cronista.
- d) à prosa de um ficcionista.
- e) ao processo criativo do cronista.

Comentário**Fundamento**

Veja o contexto da expressão:

Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, em que possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida. (texto 12A1-I)

“Coisa” é um vocábulo de sentido muito geral, que ganha significado pelo contexto. Aqui, as frases seguintes descrevem, passo a passo, como o cronista trabalha: senta-se, procura um fato, espera que a crônica surja. “A coisa” é esse trabalho, isto é, o processo criativo do cronista (alternativa E).

O item pede o sentido conotativo, aquele que se acrescenta ao significado de base da palavra. Fiorin e Savioli descrevem assim a conotação:

Um termo ou uma palavra, além do seu significado denotativo, pode vir acrescido de outros significados paralelos, pode vir carregado de impressões, valores afetivos, negativos e positivos. (FIORIN; SAVIOLI, 2011, lição 13)

Na expressão figurada “a coisa fia mais fino”, “coisa” não designa objeto algum: é o contexto que lhe atribui o valor de trabalho do cronista, como os mesmos autores observam a respeito das palavras de muitos sentidos:

Uma vez inserida no contexto, a palavra perde o seu caráter polissêmico, isto é, deixa de admitir vários significados e ganha um significado específico no contexto. (FIORIN; SAVIOLI, 2011, lição 13)

Anatomia dos distratores

- A** É o distrator mais forte. A ideia de dificuldade está no texto, mas é expressa por “fia mais fino”, e não por “coisa”. A questão pergunta a que remete o substantivo.
- B** O prosador do cotidiano é quem pratica a atividade (“com um prosador do cotidiano”), e não aquilo a que “coisa” se refere.
- C** As personagens pertencem ao ficcionista, termo com o qual o cronista é contrastado na frase anterior.
- D** A prosa do ficcionista é justamente o termo oposto ao que se descreve.

Pela ótica da banca

Em questões sobre o referente de palavras genéricas (“coisa”, “isso”, “fato”), a resposta costuma estar no que vem logo depois. Separe o que a palavra designa do que a expressão em volta diz sobre ela.

Gabarito: E

Texto para a questão 2

Leia o Texto abaixo.

Texto 12A2-I

A variação existente hoje, no português do Brasil, que nos permite reconhecer uma pluralidade de falares, é fruto da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais nos diferentes períodos da história. São fatos dessa natureza que demonstram que não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em variante regional “melhor” ou “pior”, “bonita” ou “feia”. No ensino da língua escrita, contudo, procura-se neutralizar as marcas identificadoras de cada grupo social, a fim de atingir um padrão idealizado, que seja supranacional. O paradoxo está em que cada falar tem sua norma, variantes que prevalecem, mas que não anulam a ocorrência de outras. Por exemplo, o segmento r, no contexto final de sílaba, como em carta ou porto. Suas múltiplas realizações são encontradas tanto em Porto Alegre quanto no Rio de Janeiro. O que singulariza uma ou outra cidade é a predominância de determinada variante sobre as outras. Também os empréstimos lexicais não colocam a língua “em perigo”. São apenas reflexos de contatos culturais, ontem e hoje. Convivemos perfeitamente bem com palavras como álcool e almofada, do árabe, garagem e personagem, do francês, e futebol, do inglês. E mais recentemente temos de conviver também com deletar, por empréstimo ao inglês, que, por sua vez, tem

origem no latim (delere, deletum).

Yonne Leite e Dinah Callou. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004, p. 57-59 (com adaptações).

2. (Cebraspe/2026/SEED SE/PEB, Ensino Fundamental e Médio, Língua Portuguesa)

No trecho “Convivemos perfeitamente bem com palavras como álcool e almofada, do árabe, garagem e personagem, do francês, e futebol, do inglês” (penúltimo período do texto 12A2-I), o sentido produzido pela linguagem figurada na expressão “Convivemos perfeitamente bem com palavras” indica que os falantes usam essas palavras de forma

- a) anômala.
- b) espontânea.
- c) restritiva.
- d) estigmatizada.
- e) reservada.

Comentário

Fundamento

Em sentido próprio, “conviver” é viver junto com alguém, partilhar o cotidiano com outras pessoas. No trecho, o complemento do verbo são “palavras”: o texto apresenta os empréstimos lexicais como companheiros com quem os falantes dividem a vida diária. A imagem humaniza as palavras, procedimento próximo da personificação, que Fiorin descreve assim:

Nesse tropo há, para lhes intensificar o sentido, um alargamento do alcance semântico de termos designativos de entes abstratos ou concretos não humanos pela atribuição a eles de traços próprios do ser humano. (FIORIN, 2014, p. 51)

Conviver “perfeitamente bem” com alguém é ter uma relação harmoniosa, sem atrito nem estranhamento. Transferida para o uso da língua, a imagem diz que os falantes empregam álcool, almofada, garagem, personagem e futebol com naturalidade, sem perceber nelas nada de estrangeiro. É o uso espontâneo da alternativa B. O argumento do parágrafo confirma a leitura, pois o trecho serve para mostrar que os empréstimos não ameaçam a língua:

Também os empréstimos lexicais não colocam a língua “em perigo”. São apenas reflexos de contatos culturais, ontem e hoje. (texto da questão)

Anatomia dos distratores

- A** “Anômala” é o que foge à regra ou ao normal. O texto afirma o contrário: essas palavras estão plenamente integradas ao uso.
- C** Uso “restritivo” seria limitado a certos contextos ou grupos de falantes. Nada no trecho sugere restrição; os exemplos escolhidos são palavras de uso corrente.
- D** Estigma é avaliação social negativa. O texto combate justamente os julgamentos de “melhor” ou “pior”, e uma convivência “perfeitamente bem” exclui rejeição.
- E** Uso “reservado” é cauteloso, contido, o oposto da desenvoltura expressa por “perfeitamente bem”.

Pela ótica da banca

Para interpretar uma expressão figurada, pergunte o que ela significa no domínio de origem (o que é conviver bem com alguém?) e transfira esses traços para o referente real. Alternativas que invertem a avaliação feita pelo texto, aqui claramente positiva, podem ser descartadas logo.

Gabarito: B

Texto para a questão 3

Leia o texto.

Trem de ferro

Manuel Bandeira

Café com pão
Café com pão
Café com pão
(...)
Oô..
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pato
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
Que vontade
De cantar!

Manuel Bandeira. **Manuel Bandeira – poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990, p. 236-7 (com adaptações).

3. (Cebraspe/2026/SEED SE/PEB, Ensino Fundamental e Médio, Língua Portuguesa)

Uma análise semiótica do poema apresentado deve

- a)** realçar o caráter descritivo do poema e a caracterização do trem e da paisagem rural por meio de aspectos sonoros, explorados no ritmo e na repetição de palavras, e visuais, por meio do emprego predominante de palavras de natureza adjetiva ao longo do texto.
- b)** demonstrar a interação entre os recursos expressivos dos signos materiais explorados no texto e seus efeitos de significado.
- c)** valorizar os aspectos estilísticos do poema, como o emprego dos versos brancos, em harmonia com as propostas da poesia modernista que se evidenciam no texto.
- d)** relevar desvios da norma culta, como o emprego de vírgula entre o verbo e o sujeito em “Foge, bicho / Foge, povo” (quinto e sexto versos), e considerar o emprego estilístico de uma linguagem popular.
- e)** destacar a onomatopeia dos sons ritmados de um trem em movimento, percebida pelo emprego de palavras paroxítonas nos finais de todos os versos.

Comentário

Fundamento

A semiótica estuda os sistemas de signos e o modo como o plano da expressão (sons, ritmo, cores, formas) se articula ao plano do conteúdo (os sentidos). Em textos comuns, a expressão apenas veicula o conteúdo; nos textos poéticos, ela pode criar relações próprias com ele, e é isso que o analista deve descrever:

No entanto, em muitos textos, o plano da expressão faz mais do que apenas expressar o conteúdo, ele cria novas relações com o conteúdo, como acontece nos textos poéticos de quaisquer tipos (poesia e outros textos literários, ballet, pintura, etc). Nesses casos, deve o analista do discurso procurar estabelecer as relações novas que se construíram entre expressão e conteúdo e os sentidos e a simbolização delas decorrentes. (BARROS, 2004, p. 210)

“Trem de ferro” é um exemplo clássico dessa articulação. A repetição de “Café com pão”, com acentos regulares, reproduz o compasso da locomotiva; “Oô..” imita o apito; os versos curtos de duas palavras (“Passa ponte / Passa poste / Passa pato”), com a insistência na consoante oclusiva /p/, recriam o batido das rodas e a sucessão rápida de imagens vistas da janela. O som e o ritmo (expressão) produzem os sentidos de movimento, velocidade e paisagem que passa (conteúdo). Descrever essa interação entre os recursos materiais do signo e seus efeitos de sentido é exatamente o que propõe a alternativa B.

Anatomia dos distratores

- A** Começa bem, mas atribui as imagens visuais ao “emprego predominante de palavras de natureza adjetiva”. No poema predominam verbos (“Foge”, “Passa”) e substantivos (“ponte”, “poste”, “pato”, “boi”, “boiada”, “galho”); de valor adjetivo há praticamente só “Debruçada”.
- C** Desloca a análise para a filiação a um movimento literário e para a métrica, sem tratar da relação entre expressão e conteúdo. A própria caracterização é discutível, pois o trecho tem rima (“boiada” e “Debruçada”).
- D** Não há desvio da norma. “Bicho” e “povo” são vocativos, a quem se dirige o imperativo “Foge”, e a vírgula que isola o vocativo é a pontuação esperada. O vocativo serve “para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada” (CUNHA; CINTRA, 2014, cap. 7).
- E** A onomatopeia existe, mas a justificativa é falsa: nem todos os versos terminam em paroxítona (“pão” e “boi” são monossílabos tônicos; “cantar” é oxítona).

Pela ótica da banca

Quando o comando fala em análise semiótica, o Cebraspe espera a relação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Os distratores costumam juntar uma observação plausível a um detalhe falso (“predominante”, “todos os versos”) ou trocar a perspectiva por outra disciplina. Confira cada detalhe no próprio texto.

Gabarito: B

Texto para a questão 4

O Brasil está envelhecendo e a mudança altera profundamente a sua composição: menos crianças, mais idosos e uma redução progressiva da população em idade ativa.

Esse rearranjo modifica a estrutura social com impactos profundos. A professora Marianne Stampe, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), explica que os efeitos econômicos desse processo não são uniformes no território. Segundo ela, regiões menos desenvolvidas tendem a sofrer mais, pois contam com menos recursos econômicos, menor capacidade de gerar empregos e enfrentam mais dificuldades para sustentar gastos com saúde e previdência.

Para Marianne Stampe, Santa Catarina funciona como “laboratório” dessa transição acelerada: vive hoje desafios que outras regiões enfrentarão apenas na próxima década. A ausência de políticas públicas voltadas ao envelhecimento aparece como um dos principais riscos identificados pela pesquisadora.

Nos próximos 20 anos, decisões sobre educação, previdência, saúde, mercado de trabalho e apoio familiar determinarão se o Brasil conseguirá aproveitar o segundo dividendo demográfico ou se entrará em

uma rota de baixo crescimento.

Em um país tão desigual, onde a demografia muda a passos distintos, entender o mapa do envelhecimento pode ser decisivo para construir políticas públicas eficientes e sustentáveis.

Internet: <www.udesc.br> (com adaptações).

4. (Cebbraspe/2026/UEDESC/TUD, Administrador)

Em relação às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o item a seguir:

O emprego do vocábulo ‘laboratório’ (primeiro período do terceiro parágrafo) enfatiza o caráter experimental do fenômeno demográfico que se passa em Santa Catarina.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

Em sentido próprio, laboratório é o lugar onde se realizam experiências e se observam fenômenos em condições que permitem estudá-los. O texto aplica a palavra a um estado brasileiro, e as aspas assinalam esse uso especial. Entre os empregos das aspas, a gramática registra o de realçar o sentido de um termo:

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra ou expressão: (CUNHA; CINTRA, 2014, cap. 21)

O próprio período explica, depois dos dois-pontos, por que Santa Catarina seria um laboratório:

Para Marianne Stampe, Santa Catarina funciona como "laboratório" dessa transição acelerada: vive hoje desafios que outras regiões enfrentarão apenas na próxima década. (texto da questão)

O estado vive antes dos outros o envelhecimento acelerado; ali se podem observar seus efeitos e testar respostas que interessarão ao restante do país. A palavra transfere para o fenômeno demográfico os traços de experiência, ensaio e observação antecipada, o que o item resume como “caráter experimental”.

Anatomia do item

O candidato pode estranhar “caráter experimental”, porque ninguém conduz deliberadamente um experimento com a população catarinense. O item, porém, não afirma isso: fala do efeito de sentido produzido pelo vocábulo, que apresenta a experiência de Santa Catarina como um ensaio do que o Brasil viverá. As aspas e a explicação após os dois-pontos sustentam essa leitura.

Pela ótica da banca

Em textos jornalísticos e de divulgação, palavras entre aspas costumam sinalizar sentido figurado. Diante delas, identifique o sentido próprio do termo e pergunte quais traços dele foram transferidos para o novo referente; é isso que a banca descreve no item.

Gabarito: Certo

Texto para a questão 5

O agrupamento das pessoas em classes sociais não é, ao contrário do que alguns pensam, "apenas uma decisão técnica como outra qualquer". Como tudo no estudo da desigualdade, esse agrupamento reflete decisões políticas, ainda que elas não sejam explícitas. E não é sem razão: a escolha da identificação de classes de uma forma específica tem implicações concretas. O problema não está apenas na terminologia usada, está também na forma como as classes são definidas.

Quem não consegue entender isso pode fazer um exercício simples: identifique pobres como uma classe; considere que quase todo mundo queira erradicar a pobreza; que quase todo mundo queira saber melhor o que é preciso para tanto; defina como pobre 0,1% da população; nesse caso, que medida erradicaria a pobreza? Caridade privada seria suficiente; agora defina como pobre 99,9% da população. A medida recomendada seria uma revolução.

Conclui-se desse exercício que a forma como pesquisas dividem a sociedade em classes tem implicações

práticas, pois pesquisa em desigualdade é usada para definir políticas. Quando se coloca uma pessoa numa classe, a tendência é que essa pessoa passe a ser vista como todas as demais pessoas que estão naquela classe e, em alguns casos, passe a ser tratada do mesmo modo pelas políticas.

Qual é a diferença substantiva entre uma pessoa um centavo abaixo da linha de renda que define os benefícios de assistência social e outra um centavo acima? Em renda, irrelevante, mas a classificação elegível e não elegível tem impactos concretos na vida das pessoas. Elas passam ou não pelo buraco da agulha dos critérios de elegibilidade de programas sociais. Alguns programas chegam a ser desenhados com base em classes, por isso o assunto não é apenas um detalhe acadêmico.

Marcelo Medeiros. Os ricos e os pobres. São Paulo: Companhia das Letras, 2023 (com adaptações).

5. (Cebraspe/2026/FUNPRESP-JUD/Ana, Tecnologia da Informação, Ciência de Dados e Inovação)

Julgue o item a seguir, relativos às ideias e a aspectos linguísticos do texto precedente.

No trecho "Elas passam ou não pelo buraco da agulha dos critérios de elegibilidade de programas sociais" (último parágrafo), o autor do texto faz referência à rigidez e à estreiteza dos critérios de acesso a programas sociais.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

A expressão “buraco da agulha” evoca a passagem evangélica segundo a qual é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus. Desde então, a imagem designa uma passagem estreitíssima, que pouquíssimos conseguem atravessar. Trata-se de alusão, recurso intertextual que depende do repertório do leitor:

A alusão, para o autor, se dá quando um enunciado supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro ao qual remete tal ou tal de suas inflexões, que só são reconhecíveis para quem tem conhecimento do texto-fonte. (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008, p. 123)

O contexto mostra a que se aplica a imagem:

Qual é a diferença substantiva entre uma pessoa um centavo abaixo da linha de renda que define os benefícios de assistência social e outra um centavo acima? Em renda, irrelevante, mas a classificação elegível e não elegível tem impactos concretos na vida das pessoas. Elas passam ou não pelo buraco da agulha dos critérios de elegibilidade de programas sociais. (texto da questão)

Os dois traços apontados no item estão no texto. A estreiteza vem da própria imagem da agulha: a passagem é apertada e deixa muitos de fora. A rigidez vem do exemplo do centavo: uma diferença irrelevante em renda basta para incluir ou excluir alguém, porque o critério não admite gradação.

Anatomia do item

O item usa “faz referência” para designar a remissão figurada, e não uma menção literal aos critérios. Como a metáfora recai expressamente sobre “critérios de elegibilidade de programas sociais”, a correspondência entre a imagem e o referente é direta. Não há extrapolação: rigidez e estreiteza são exatamente o que o exemplo do centavo e a imagem da agulha transmitem.

Pela ótica da banca

Metáforas consagradas por textos de grande circulação, como a Bíblia e os provérbios, levam consigo o sentido do texto-fonte. Reconhecer a origem da imagem ajuda a identificar o traço que o autor quis destacar e a julgar se a paráfrase proposta pela banca é fiel.

Gabarito: Certo

Texto para a questão 6

Para um governo ser bem-sucedido, é necessário que tenha legitimidade. Ou seja, ele exige que os

cidadãos aceitem que os arranjos institucionais são apropriados para eles e que essas instituições farão o que é certo na maior parte do tempo. Assim, quanto mais legitimidade tiver, maior será o seu espaço para agir. Pode-se governar por curtos períodos de tempo sem legitimidade por meio de medidas coercitivas, mas isso é caro — e provavelmente reduzirá ainda mais a legitimidade.

Geralmente pensamos em um governo que alcança legitimidade por meio de procedimentos. Se eleito em uma eleição livre e justa, a maioria dos cidadãos considerará que ele tem legitimidade. Além disso, se os processos pelos quais as leis são feitas e aplicadas forem constitucionais e também forem considerados justos, as leis serão legítimas. Essas bases processuais de legitimidade são importantes, mas não contam toda a história da capacidade de governança do setor público.

Além dos aspectos processuais, o setor público também deve pensar sobre os aspectos substantivos da legitimidade. Existem agora evidências significativas de que ela se baseia, também, no desempenho do setor público na prestação de bens e serviços à população. Um bom governo é visto cada vez mais como fornecedor de boas escolas, bons cuidados de saúde, boas estradas e todos os outros serviços de que a sociedade depende.

Criar e manter a confiança do cidadão, portanto, requer não apenas o bom funcionamento dos governos de acordo com o que prevê a lei, mas também exige que o governo concretize a prestação de serviços públicos. Portanto, instrumentos como a gestão do desempenho tornaram-se mais importantes não apenas na gestão interna, mas também para justificar a própria existência do governo perante seus cidadãos. **Os fardos colocados sobre os que tentam governar tornaram-se ainda mais pesados**, e as expectativas dos cidadãos, ainda maiores, mas a boa governança pode legitimar as ações do setor público.

B. Guy Peters. Guia da Política de Governança Pública. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 2018, p. 22 (com adaptações).

6. (Cebbraspe/2026/SEPLAG AL/EGP, Administração)

Julgue o item a seguir no que concerne às ideias e aos aspectos linguísticos do texto apresentado.

No trecho "Os fardos colocados sobre os que tentam governar tornaram-se ainda mais pesados", o termo "fardos" alude às dificuldades e exigências inerentes à capacidade de governança e aos aspectos substantivos da legitimidade discutidos anteriormente no texto.

() Certo () Errado

Comentário**Fundamento**

“Fardo” é, em sentido próprio, uma carga pesada que alguém transporta. No trecho, a palavra é metafórica: designa as obrigações e dificuldades que pesam sobre quem governa. A metáfora se apoia em traços comuns aos dois sentidos, no caso o peso e o esforço exigido:

Metáfora é, então, a alteração do sentido de uma palavra ou expressão quando entre o sentido que o termo tem e o que ele adquire existe uma intersecção. (FIORIN; SAVIOLI, 2011, lição 14)

Quanto ao conteúdo dessas cargas, o texto o expôs nos parágrafos anteriores. O segundo parágrafo trata das bases processuais da legitimidade e adverte que elas “não contam toda a história da capacidade de governança do setor público”. O terceiro e o quarto acrescentam as exigências substantivas:

Além dos aspectos processuais, o setor público também deve pensar sobre os aspectos substantivos da legitimidade. Existem agora evidências significativas de que ela se baseia, também, no desempenho do setor público na prestação de bens e serviços à população. (texto da questão)

Criar e manter a confiança do cidadão, portanto, requer não apenas o bom funcionamento dos governos de acordo com o que prevê a lei, mas também exige que o governo concretize a prestação de serviços públicos. (texto da questão)

Os “fardos colocados sobre os que tentam governar” resumem essas exigências: além de agir conforme a lei, é preciso entregar resultados para justificar a própria existência do governo. O item descreve corretamente o sentido da palavra e sua ligação com o que veio antes.

Anatomia do item

O item reúne duas afirmações: o valor figurado de “fardos” (dificuldades e exigências) e a remissão a conteúdos já discutidos (capacidade de governança e aspectos substantivos da legitimidade). As duas expressões usadas pela banca aparecem literalmente no texto, o que confirma a relação proposta.

Pela ótica da banca

Substantivos de sentido figurado colocados no fim de um texto argumentativo costumam resumir o que foi exposto. Para julgar itens desse tipo, volte aos parágrafos anteriores e verifique se os conteúdos atribuídos pela banca estão de fato ali.

Gabarito: Certo**Texto para a questão 7**

Seguindo a tendência já em curso no mundo globalizado, o Estado brasileiro, desde os anos 1990, vem-se reconfigurando no sentido da redução da intervenção direta e do fortalecimento das instituições de fomento e de regulação. Num grande número de áreas, vai-se retirando da execução para assumir papéis de articulador das diferentes forças sociais, árbitro de conflitos e fomentador da universalização de bens e serviços. Espera-se, ainda, que ocupe um espaço crítico de proteção da cidadania contra o esbulho, a violência e o arbítrio dos mais poderosos.

O cumprimento dessas funções requer uma nova configuração da estrutura do Estado, bem como a capacitação de quadros para lidar com a nova agenda de expectativas e pressões. Quanto maior a vulnerabilidade da cultura política aos desequilíbrios na distribuição de poder, maiores os desafios de compensar esses desequilíbrios, seja mediante a concepção da estrutura da agência, seja pelo seu funcionamento, com destaque para a transparência do processo decisório.

A par do arcabouço legal que baliza os procedimentos de cada agência, ganha importância o próprio modo de operação. Nesses se incluem a ampla divulgação de normas e procedimentos de acesso, a abertura de espaços de contencioso no interior da agência e o uso de variados veículos para prestação de contas e esclarecimento dos diferentes públicos.

Nesse espírito de transparência, a avaliação das ações de regulação ou fomento constitui procedimento indispensável. Dada a natureza da experiência nativa e as limitações inerentes ao transplante de

experiências estrangeiras, defende-se uma estratégia gradual de implantação de práticas avaliatórias que favoreçam os esforços de aprendizagem.

Anna Maria Campos, Jorge Paula Costa Avila e Dércio Santiago da Silva Jr. **Avaliação de agências reguladoras: uma agenda de desafios para a sociedade brasileira.** In: Revista de Administração

Pública (RAP), v. 34, n.º 5, Rio de Janeiro, set.-out./2000, p. 29-46 (com adaptações).

7. (Cebraspe/2026/ARSAL/Ana Reg, Direito)

Julgue o próximo item, relativo ao texto precedente.

O vocábulo "transplante" é empregado no último parágrafo do texto em sentido denotativo, referindo-se à transferência material de modelos externos às práticas institucionais brasileiras.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

Em sentido próprio, "transplante" é a transferência de um órgão ou tecido de um organismo para outro, ou de uma planta de um terreno para outro. No último parágrafo, o objeto transplantado são "experiências estrangeiras", isto é, modelos institucionais, algo que não se transporta materialmente:

Dada a natureza da experiência nativa e as limitações inerentes ao transplante de experiências estrangeiras, defende-se uma estratégia gradual de implantação de práticas avaliatórias que favoreçam os esforços de aprendizagem. (texto da questão)

A leitura no sentido próprio não se sustenta nesse contexto, e esse é o sinal da metáfora:

Como o leitor percebe que um termo é metafórico? Quando, no contexto, a leitura do termo no seu sentido próprio fica inadequada, imprópria. (FIORIN; SAVIOLI, 2011, lição 14)

A imagem médica é produtiva: assim como um órgão transplantado pode ser rejeitado pelo organismo receptor, um modelo importado pode não se adaptar à realidade brasileira. Daí as "limitações inerentes" e a defesa de uma implantação gradual. O vocábulo está em sentido conotativo.

Anatomia do item

O item identifica corretamente o referente (modelos externos aplicados às práticas brasileiras), mas erra a classificação em dois pontos: chama o emprego de denotativo e qualifica a transferência de "material". A banca associa uma paráfrase aceitável a um rótulo errado, contando com a leitura apressada.

Pela ótica da banca

Termos de outras áreas (medicina, engenharia, biologia) aplicados à administração pública costumam ser metafóricos. Pergunte-se o objeto da ação é concreto: transplantar experiências, modelos ou ideias só pode ser figurado.

Gabarito: Errado

Texto para a questão 8

Os gastos com viação e obras públicas foram excessivos. Lamento, entretanto, não me haver sido possível gastar mais. Infelizmente a nossa pobreza é grande. E ainda que elevemos a receita ao dobro da importância que ela ordinariamente alcançava, e economizemos com avareza, muito nos falta realizar. Está visto que não me preocupei com todas as obras exigidas. Escolhi as mais urgentes. Fiz reparos nas propriedades do município, remendei as ruas e cuidei especialmente de viação. Possuímos uma teia de aranha de veredas muito pitorescas, que se torcem em curvas caprichosas, sobem montes e descem vales de maneira incrível. O caminho que vai a Quebrangulo, por exemplo, original produto de engenharia tupi, tem lugares que só podem ser transitados por automóvel Ford e por lagartixa. Sempre me pareceu lamentável desperdício consertar semelhante porcarias.

Graciliano Ramos. **Relatório do prefeito Graciliano Ramos**. Brasília: Conselho Federal de Administração, 2018, p. 14-15 (com adaptações).

8. (Cebraspe/2026/DER AL/ATR - ECiv)

Julgue o próximo item, em relação às características textuais e a aspectos linguísticos do texto precedente, bem como às ideias nele veiculadas.

No trecho "tem lugares que só podem ser transitados por automóvel Ford e por lagartixa", a palavra "lagartixa" está empregada em sentido conotativo, como uma referência coloquial a determinado tipo de veículo.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

No trecho, "lagartixa" designa o próprio animal, o pequeno réptil capaz de andar por paredes e superfícies irregulares. É emprego denotativo, isto é, no sentido usual da palavra:

Quando uma palavra é tomada no seu sentido usual, no sentido dito "próprio", isto é, não figurado, não metafórico, no sentido "primeiro" que dela nos dão os dicionários, [...] então se diz que essa palavra tem sentido denotativo ou referencial, porque denota, remete ou se refere a um objeto do mundo extralinguístico, objeto real ou imaginário. (GARCIA, 2010, 2. Voc., 1.4)

O efeito expressivo não vem de uma mudança no sentido da palavra, mas do exagero de toda a afirmação:

O caminho que vai a Quebrangulo, por exemplo, original produto de engenharia tupi, tem lugares que só podem ser transitados por automóvel Ford e por lagartixa. Sempre me pareceu lamentável desperdício consertar semelhante porcária. (texto da questão)

Dizer que só um automóvel resistente e uma lagartixa passam por certos trechos é uma hipérbole que denuncia, com humor, a precariedade da estrada. A ironia de "original produto de engenharia tupi" e o fecho com "semelhante porcária" reforçam o tom. A hipérbole, explica Fiorin, intensifica para chamar a atenção:

Ao dizer de maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. (FIORIN, 2014, p. 75)

Anatomia do item

A coordenação "por automóvel Ford e por lagartixa" pode levar o candidato a supor que os dois termos pertencem à mesma classe (veículos). O humor do trecho está justamente em equiparar um carro e um bicho como os únicos "transeuntes" possíveis. O sentido coloquial de veículo atribuído a "lagartixa" foi criado pela banca e não encontra apoio no texto.

Pela ótica da banca

Distinga a palavra usada em sentido figurado da palavra usada em sentido próprio dentro de uma afirmação exagerada ou irônica. No segundo caso, a figura está no enunciado como um todo, e o vocábulo mantém sua denotação.

Gabarito: Errado

Texto para a questão 9

Texto 9A1

No cotidiano de todo brasileiro, podemos visualizar as marcas que constituíram, a partir do século XVI, a presença dos povos africanos, de origem Banto e Iorubá, no Brasil. Essa presença está nas palavras que falamos, na gestualidade que produzimos e no nosso modo de pronunciar a língua portuguesa falada no Brasil.

A entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, de certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e,

consequentemente, da forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, ainda é possível visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

O Museu da Língua Portuguesa, ao expor o acervo de palavras africanas que entraram no vocabulário da língua portuguesa, favorece reconhecer a história da população africana no Brasil como agente da cultura e da língua portuguesa que se desenhava sobre este solo. No setor Palavras Cruzadas do museu, por exemplo, visualizam-se palavras que nos ensinaram a nomear determinados comportamentos, como: bagunça, lengalenga, dengo. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais. Outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como borocoxô, cafofo.

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. Não é possível perdê-la. A mudança de um contexto cultural para outro acompanha adaptações e recriações dadas em palavras, por isso podemos falar em um movimento de antropofagia simbólica no lugar de uma simples assimilação de palavras e práticas.

As línguas mudam ao acompanharem a história dos seus falantes. Esta é a história da língua portuguesa em solo brasileiro: ela também pode adaptar-se às novas relações linguísticas e culturais. No Brasil, a manutenção da estrutura latina da língua portuguesa não impediu que esta acolhesse uma nova sonoridade em relação à sua matriz e incorporasse um grande vocabulário de palavras que veio de outras línguas.

Como um detetive que reúne pistas para contar uma história, as palavras africanas expostas no acervo do Museu da Língua Portuguesa compõem o papel de traduzir os sentidos e significados compartilhados na cultura brasileira. É uma história nem sempre contada em livros didáticos, mas que carregamos conosco para os diferentes lugares a que podemos ir. A importância da língua portuguesa como um bem museológico se faz nesse ato de contar histórias que não são definidas por nós, mas são praticadas e vividas coletivamente.

Wilmihara Santos. **A presença africana nas palavras que falamos em português**. 2018. Internet: <museudalinguaportuguesa.org.br> (com adaptações).

9. (Cebraspe/2025/InoversaSul/Prof, Corretor de Redação, Ensino Médio)

Considerando os sentidos e aspectos linguísticos do **texto 9A1**, julgue o item seguinte.

O primeiro período do quarto parágrafo é construído com sentido conotativo.

() Certo () Errado

Comentário**Fundamento**

O período em análise é este:

A cultura é algo que está no corpo, nos gestos, na memória, na forma de andar, no contorno das expressões verbais e não verbais. (texto da questão)

Cultura é um conceito abstrato e não ocupa lugar físico. Ao situá-la “no corpo”, “nos gestos” e “na forma de andar”, o texto a trata como algo concreto, incorporado, que se carrega consigo. A ideia é que a cultura se manifesta e se transmite por meio do corpo e das práticas. Essa concretização do abstrato é um efeito típico da metáfora:

A metáfora é uma concentração semântica. [...] Com isso, dá concretude a uma ideia abstrata (no caso, a de mansidão do sogro), aumentando a intensidade do sentido. (FIORIN, 2014, p. 34)

Também “contorno das expressões” é figurado, pois “contorno” é a linha que delimita uma forma no espaço. A frase seguinte (“Não é possível perdê-la”) prolonga a imagem: a cultura seria inseparável do corpo de quem a vive. O período é, portanto, construído com sentido conotativo.

Anatomia do item

O texto é expositivo, de divulgação, e o candidato pode supor que nele só haja linguagem denotativa. A conotação, contudo, não é exclusiva da literatura; aparece com frequência em textos informativos para tornar concreta uma ideia abstrata, como ocorre aqui.

Pela ótica da banca

Para decidir entre denotação e conotação, verifique se a leitura literal é possível. Abstrações apresentadas como objetos que ocupam lugar, se movem ou se perdem indicam sentido figurado, qualquer que seja o gênero do texto.

Gabarito: Certo

Texto para a questão 10

Quando falamos em pedagogia da variação linguística, não estamos propondo uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas tão somente estimulando uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português sem perder de vista uma perspectiva integradora das várias dimensões desse ensino.

Dada a complexidade do tema, entendemos que é preciso ampliar o conjunto dos que debatem essas questões. Há uma complexa trama de representações, atitudes e valores que recobrem tanto a diversidade cultural do país quanto sua diversidade linguística. Aparentemente, temos avançado mais no trato positivo da diversidade cultural do que no da diversidade linguística. Pelo menos, dispomos já de políticas de valorização da diversidade cultural, mas que, paradoxalmente, não incluem a diversidade linguística. É preciso buscar entender as razões para isso.

Ana Maria Stahl Zilles e Carlos Alberto Faraco. **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 9-10 (com adaptações).

10. (Cebbraspe/2025/InoversaSul/Prof, Língua Portuguesa, Anos Finais)

Considerando o texto anterior e aspectos da linguagem nele empregada, julgue o item seguinte.

O primeiro parágrafo do texto é caracterizado pelo emprego de palavras com sentido denotativo.

() Certo () Errado

Comentário**Fundamento**

Leia o parágrafo indicado:

Quando falamos em pedagogia da variação linguística, não estamos propondo uma pedagogia da língua materna composta de módulos autônomos, mas tão somente estimulando uma reflexão focada nas grandes questões que envolvem a variação linguística no ensino de português sem perder de vista uma perspectiva integradora das várias dimensões desse ensino. (texto da questão)

O vocabulário é o da exposição acadêmica: “pedagogia da variação linguística”, “língua materna”, “módulos autônomos”, “perspectiva integradora”. As palavras estão no sentido usual, com significado compartilhado pela comunidade de leitores, o que caracteriza a denotação:

A palavra assim empregada é entendida independentemente de interpretações individuais, interpretações de natureza afetiva ou emocional, o seu significado não resulta de associações, não está condicionado à experiência ou às vivências do receptor (leitor, ouvinte). (GARCIA, 2010, 2. Voc., 1.4)

A única expressão de origem figurada é “sem perder de vista”, que está cristalizada na língua com o sentido de “sem deixar de considerar”. Fiorin observa que expressões desse tipo já não são percebidas como figuras:

Não prestamos mais atenção ao valor conotado dessas expressões. (FIORIN, 2014, p. 41)

Como o item fala no que caracteriza o parágrafo, a presença de uma locução cristalizada não altera o juízo: predomina o sentido denotativo.

Anatomia do item

O recorte é o primeiro parágrafo. No segundo há uma metáfora mais nítida (“uma complexa trama de representações, atitudes e valores”, imagem tirada da tecelagem), que poderia levar o candidato a marcar Errado se não observasse o limite fixado pelo item.

Pela ótica da banca

Em itens sobre denotação e conotação, confira primeiro o trecho delimitado e depois a formulação: “caracterizado pelo emprego” indica predominância, e não ausência absoluta de qualquer expressão de origem figurada.

Gabarito: Certo

Texto para a questão 11

Internet: <instagram.com/folhadespaulo>.

11. (Cebraspe/2025/InoversaSul/Prof, Língua Portuguesa, Anos Iniciais)

A partir da leitura do texto precedente, julgue o item seguinte, relacionado a semiótica, multiletramento e multimodalidade.

O enfoque semiótico concentra-se na investigação sistemática de todos os meios e recursos disponíveis para a comunicação humana.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

A semiótica (ou semiologia, na terminologia de Saussure) é a ciência geral dos sistemas de signos, verbais e não verbais. A linguística, por sua vez, ocupa-se apenas da linguagem verbal e constitui uma parte desse campo mais amplo:

No entanto, é de se notar que todas as linguagens (verbais ou não verbais) compartilham uma característica importante – são sistemas de signos usados para a comunicação. Esse aspecto comum tornou possível conceber-se uma ciência que estuda todo e qualquer sistema de signos. Saussure a denominou Semiologia; Peirce a chamou de Semiótica. (PETTER, 2022, cap. 1)

O texto da questão ilustra bem esse alcance. A charge da Folha de S.Paulo combina o título verbal (“Mulheres têm menos tempo para exercícios físicos, aponta estudo”) com uma imagem: a mulher corre na esteira com crianças agarradas ao corpo, um computador de trabalho à frente, uma senhora idosa de andador ao lado e um cesto de roupas ao fundo. O sentido nasce da soma desses recursos: o estudo informa o dado, e o desenho explica a causa, a sobreposição de trabalho, cuidado dos filhos, cuidado dos idosos e tarefas domésticas. Uma leitura semiótica examina todos esses meios (desenho, gesto, composição, texto verbal) e o modo como se articulam.

Anatomia do item

O termo “todos” pode levar o candidato a rejeitar o item por reflexo. Aqui, porém, a totalidade é a própria definição do campo: a semiótica estuda “todo e qualquer sistema de signos”, ao contrário da linguística, restrita à linguagem verbal. A expressão absoluta corresponde ao conceito.

Pela ótica da banca

Em questões de multimodalidade, o Cebraspe costuma opor o recorte da linguística (linguagem verbal) ao da semiótica (todos os sistemas de signos). Guarde essa distinção e analise textos como charges, anúncios e infográficos considerando a interação entre linguagem verbal e não verbal.

Gabarito: Certo

Texto para a questão 12

Não é a paz que lhe interessa. Eles se preocupam é com a ordem, o regime desse mundo.

O problema deles é manter a ordem que lhes faz ser patrões. Essa ordem é uma doença em nossa história.

Para nós a terra é uma boca, a alma de um búzio. O tempo é o caracol que enrola essa concha. Encostamos o ouvido nesse búzio e ouvimos o princípio, quando tudo era antigamente.

A guerra nunca partiu, filho. As guerras são como as estações do ano: ficam suspensas, a amadurecer no ódio da gente miúda.

Mia Couto. *O último voo do flamingo*. Lisboa: Editorial Caminho, 2013 (com adaptações).

12. (Cebraspe/2025/InoversaSul/Prof, Língua Portuguesa, Ensino Médio)

Acerca de aspectos semânticos e gramaticais do texto precedente, julgue o próximo item.

O trecho “Encostamos o ouvido nesse búzio” (terceiro parágrafo) está em sentido denotativo.

() Certo () Errado

Comentário

Fundamento

O trecho precisa ser lido com as frases que o precedem:

Para nós a terra é uma boca, a alma de um búzio. O tempo é o caracol que enrola essa concha. Encostamos o ouvido nesse búzio e ouvimos o princípio, quando tudo era antigamente. (texto da questão)

O búzio foi introduzido como metáfora da terra (“a terra é [...] a alma de um búzio”), e o demonstrativo “nesse” retoma justamente esse búzio metafórico. Encostar o ouvido nele é escutar a terra, a memória ancestral; o que se ouve é “o princípio, quando tudo era antigamente”, algo que uma concha real não faria ouvir. Uma vez instaurada, a metáfora orienta a leitura de todo o trecho:

Uma metáfora, uma vez construída, pode estabelecer um plano de leitura metafórica para todo o texto. (FIORIN; SAVIOLI, 2011, lição 14)

O trecho está, portanto, em sentido conotativo.

Anatomia do item

Isolada, a frase “Encostamos o ouvido nesse búzio” descreve um gesto real e conhecido (levar uma concha ao ouvido para “ouvir o mar”), e é nisso que a banca aposta. O demonstrativo anafórico e a continuação do período desfazem a leitura literal.

Pela ótica da banca

Quando o item recorta um trecho que, sozinho, admitiria leitura literal, volte ao contexto. Demonstrativos como “esse” e “nesse” remetem ao que foi dito antes; se o antecedente é metafórico, a retomada também o será.

Gabarito: Errado

Texto para a questão 13

“Você é espírita, Fernando? Então como é que você me pergunta o que eu faço às três horas da tarde? Às três horas da tarde sou a mulher mais exigente do mundo. Fico às vezes reduzida ao essencial, quer dizer, só meu coração bate. Quando passa, vem seis da tarde, também indescritíveis, em que eu fico cega”. (Carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 19/6/1946)

“De certo modo, você me dispensa de escrever. Resta o consolo de pensar que se eu fosse capaz como você de dizer o indizível, eu teria a dizer certas coisas que você ainda vai dizer. E me limito a ficar esperando”. (Carta de Fernando Sabino a Clarice Lispector em 30/3/1955)

Em 1944, Fernando Sabino recebeu um exemplar de **Perto do Coração Selvagem**, com dedicatória da autora estreante, Clarice Lispector. Ele não fazia ideia de quem era ela. De qualquer maneira, ficou deslumbrado com o livro. Tempos depois, quando a conheceu pessoalmente, ficou deslumbrado com Clarice.

Os jovens escritores viveram uma paixão não formulada. Encontravam-se diariamente, longas conversas numa confeitaria do Rio. Separados por compromissos fora do país, trocaram cartas, no período entre 1949 e 1969. Em 2001, Fernando as reuniu em **Cartas Perto do Coração**, comovente testemunho de fidelidade à literatura e à amizade. Livro de culto, rapidamente se esgotou; poucos exemplares, e caríssimos, eram achados em sebos. Reaparece agora, em edição de capa dura, novo projeto gráfico e fac-símiles dos manuscritos.

Quem vê o prestígio de Clarice hoje não imagina suas angústias e incertezas reveladas na correspondência. Seu segundo livro, **O Lustre**, foi recebido em silêncio. Dez anos após o aparecimento do terceiro, **A Cidade Sitiada**, de 1949, ela estava esquecida. Os originais do romance **A Maçã no Escuro** ficaram cinco anos pegando poeira no escritório do editor Ênio Silveira. Além de segurar a barra da amiga, Fernando passou a atuar como agente literário de Clarice, até que seu talento fosse reconhecido.

Com a publicação de **Uma Aprendizagem**, em 1969, Fernando carinhosamente entrega os pontos: “Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim”.

GILSON MACIEL.

Fim da amostra

Esta amostra traz o início do item 1 do edital (Teoria do signo linguístico), com o gabarito e o comentário de cada questão.

O curso completo reúne 1.905 questões do Cebraspe, todas comentadas, e 214 itens inéditos, organizados pelos 13 itens do edital de Linguística do cargo de Analista Legislativo, Registro e Redação, da Câmara dos Deputados 2026.

gilsonmaciel.com.br